



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

FERNANDO HENRIQUE DE JESUS PEREIRA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ESTUDANTES SURDOS: UM OLHAR A
PARTIR DO ALUNO, INTÉRPRETE E PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM
IMPERATRIZ - MA**

IMPERATRIZ

2024

FERNANDO HENRIQUE DE JESUS PEREIRA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ESTUDANTES SURDOS: UM OLHAR A
PARTIR DO ALUNO, INTÉRPRETE E PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM
IMPERATRIZ - MA**

Trabalho apresentado à Universidade Estadual da Região
Tocantina do Maranhão, Campus Imperatriz, como
requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Guia Taveiro Silva

IMPERATRIZ

2024

P436e

Pereira, Fernando Henrique de Jesus

O ensino de geografia para estudantes surdos: um olhar a partir do aluno, intérprete e professor de geografia em Imperatriz - MA. / Fernando Henrique de Jesus Pereira. – Imperatriz, MA, 2024.

23 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2024.

1. Educação dos surdos. 2. Ensino de geografia. 3. Libras – Prática docente. 4. Imperatriz - MA. I. Título.

CDU 376.33

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Mateus de Araújo Souza CRB13/955**

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS


FOLHA DE APROVAÇÃO

FERNANDO HENRIQUE DE JESUS PEREIRA


**O ENSINO DE GEOGRAFIA PARA ESTUDANTES SURDOS: UM OLHAR A
PARTIR DO ALUNO, INTÉRPRETE E PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM
IMPERATRIZ - MA**

Aprovado em: 15 de Janeiro de 2024.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARIA DA GUIA TAVEIRO SILVA**
Data: 15/03/2024 14:25:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Maria da Guia Taveiro Silva - Orientadora
Doutora em Linguística - UEMASUL

Documento assinado digitalmente
 **CLAUDIA LUCIA ALVES**
Data: 18/03/2024 14:13:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Cláudia Lúcia Alves
Doutora em Educação - UEMASUL

Documento assinado digitalmente
 **MARCILEY SOARES FERNANDES PONTES**
Data: 17/03/2024 19:23:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Marciley Soares Fernandes Pontes
Especialista em AEE - UEMASUL

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
2 O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	9
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	11
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
4.1 O processo de ensino de Geografia para estudantes surdos em Imperatriz-MA	14
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS	19
APÊNDICES	20
Apêndice A – Roteiro de entrevista para alunos surdos do ensino fundamental.....	21
Apêndice B – Roteiro de entrevista para professores de geografia	22
Apêndice C – Roteiro de entrevista para intérpretes de libras	23

RESUMO

O processo de educação de surdos no Brasil tem ganhado espaço para discussão recentemente. A luta pela valorização da educação de surdos e de sua língua de sinais é um processo embrionário, que é marcado por passos tardios, que corroboram para intensificação de problemas no processo de escolarização de sujeitos surdos. Com isso, buscou-se compreender como ocorre o processo de ensino de Geografia para estudantes surdos no município de Imperatriz, estado do Maranhão, refletindo sobre os desafios da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o Ensino de Geografia. A pesquisa foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa, de cunho exploratório. Ela, também, é considerada uma pesquisa de campo. Utilizou-se como instrumento metodológico a observação e roteiro de entrevista semiestruturada com alunos, professores de geografia e intérpretes de libras. Como resultados, percebemos que há necessidade de utilização de metodologias que visem a valorização de recursos visuais, pois estes contribuem de forma significativa para a construção do conhecimento geográfico. O estudo em questão propõe uma reflexão acerca das possibilidades metodológicas do ensino de Geografia para estudantes surdos. A relevância desse estudo reside no fato de ele poder contribuir para melhorar as práticas docentes, bem como provocar para uma análise crítica para a gestão escolar sobre o processo ensino e aprendizagem de alunos surdos. Não é de interesse engessar o pensamento, mas provocar inquietamentos no fazer docente.

Palavras-chave: Educação de surdos. Libras. Ensino de Geografia. Prática docente.

ABSTRACT

The process of educating deaf people in Brazil has recently gained space for discussion. The fight for the valorization of the education of deaf people and their sign language is an embryonic process, which is marked by late steps, which corroborate the intensification of problems in the schooling process of deaf subjects. With this, we sought to understand how the Geography teaching process occurs for deaf students in the city of Imperatriz, state of Maranhão, reflecting on the challenges of the Brazilian Sign Language (LIBRAS) and Geography Teaching. The research was developed using a qualitative, exploratory approach. It is also considered field research. Observation and a semi-structured interview script with students, geography teachers and sign language interpreters were used as a methodological instrument. A result, we realized that there is a need to use methodologies that aim to enhance visual resources, as they contribute significantly to the construction of geographic knowledge. The study in question proposes a reflection on the methodological possibilities of teaching Geography to deaf students. The relevance of this study lies in the fact that it can contribute to improving teaching practices and provoke a critical analysis for school management of the teaching and learning process of deaf students. It is not in the interest of stifle thinking, but to provoke concerns in teaching.

Keywords: Education of the deaf. Pounds. Teaching Geography. Teaching practice.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nas últimas décadas o Governo Federal tem aprovado políticas públicas que reverberam no campo educacional de modo a alcançar os sujeitos com determinadas especificidades, dentre os quais destacamos os estudantes surdos. Em se tratando de legislação, sobre o tema da inclusão, o artigo 6º da Constituição Federal de 1988, aponta a educação como um direito social, enfatizando-a no artigo 205 como sendo um direito de todos, reafirmando o dever do Estado e da família em garantir esse direito.

Por meio da legislação¹, houve a possibilidades de inserção das diferenças em sala de aula. Contudo esse aspecto passa a demandar a necessidade de ressignificação do trabalho pedagógico no cotidiano escolar, pois estes carecem de especificidades para o desenvolvimento da aprendizagem.

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002), dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecendo-a como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira. Esta foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (Brasil, 2005), o que sinalizou para um ganho inquestionável para a educação da pessoa surda no Brasil, isso porque a partir de então, os cursos voltados para formação docente passaram a incluir Libras em seus currículos de maneira obrigatória. Isso possibilitou aos futuros professores um pouco mais de compreensão acerca do universo da pessoa surda, sua forma de se comunicar e compreender o mundo. Deste modo, surgiram as inquietações que motivaram a reflexões sobre as ações e o trabalho desenvolvido por professores de Geografia em classes regulares que tenha alunos surdos.

Com isso, a motivação para desenvolver este estudo surgiu a partir da graduação quando tive o primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), na disciplina de Libras. Com o decorrer da disciplina surgiram interesses e afinidades onde comecei a buscar cursos livres que pudessem desenvolver esse conhecimento linguístico.

Durante o curso comecei a enxergar pessoas surdas em todos os espaços, desde lojas, supermercados, igreja. Isto em outro momento passava despercebido, pois não existia em meu ciclo de conhecidos pessoas surdas. A partir deste momento comecei a observar as dificuldades que estes tinham de se expressar, isso me inquietava.

Então busquei conhecer e estudar a Libras. Logo me apaixonei pela língua e como era fascinante se comunicar utilizando as mãos como ferramenta para o diálogo. No decorrer da

¹ Lei nº 10.098, de 23 de março de 1994. Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. Lei nº 13.146, 6 de jul. de 2015.

trajetória, entre cursos e comunidade surda, pude perceber que a inclusão da pessoa surda não deveria partir deles, ou seja, eles buscarem se inserir no mundo ouvinte, mas o contrário, a sociedade ouvinte que deveria buscar conhecer e dialogar com a comunidade surda por meio da Libras.

Em novembro de 2022, fui convidado para aplicar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em escola que é referência em servir candidatos com necessidades especiais. No decorrer da aplicação, pude constatar que para o referido ano a escola não teve nenhum candidato surdo realizando a prova, isso me causou estranheza, e foi a partir disso, surgiram inquietações e questionamentos como: por onde estão os surdos de Imperatriz-MA? Para onde vão ao finalizar o ensino regular? Estão sendo recebidos pelas universidades?

A partir das constatações acima descritas foi que surgiu o interesse em buscar conhecer os alunos surdos e investigar sobre o processo de ensino destes alunos com um olhar para Geografia. Na tentativa de agregar conhecimentos com minha área de formação, Geografia, busquei conhecer o processo de ensino da pessoa surda com os saberes geográficos, a partir dessa premissa, busquei identificar as metodologias utilizadas pelos docentes de Geografia.

Segundo Esdras e Galasso, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), divide em duas categorias as gradações de surdez, que são o deficiente auditivo e o surdo. Assim, temos o deficiente auditivo, com surdez leve, ou seja, o indivíduo que apresenta perda auditiva de até 40 decibéis e o deficiente auditivo, com surdez moderada, cujo indivíduo apresenta perda auditiva entre 40 e 60 decibéis. A pessoa surda, com surdez severa, que apresenta perda auditiva entre 70 e 90 decibéis e o surdo, com surdez profunda, em que o indivíduo apresenta perda auditiva superior a 90 decibéis (Esdras e Galasso, 2018).

A investigação tem como recorte espacial Imperatriz/MA. Tal município, segundo o censo de 2010 (o último comprovadamente registrado), possuía cerca de 15.742 pessoas com algum tipo de Deficiência Auditiva, sendo deste quantitativo, 2.338 pessoas com surdez (perda auditiva profunda) (IBGE, 2010). Esse número expressivo de surdos, que também se apresenta no ambiente escolar, demanda por parte da escola e dos Professores, discussões direcionadas ao âmbito da formação, das acessibilidades atitudinais, pedagógica e metodológica, pela compreensão sobre quem são os sujeitos surdos, bem como, na proposição de metodologias e materiais didáticos que possam potencializar a capacidade de pensar geograficamente a realidade (Cavalcanti, 2019).

Pelo processo de desenvolvimento educacional da pessoa Surda, é notório que a educação de Surdos, no país, foi marcada por discursos e práticas de ensino reguladas por uma cultura que buscava a normatização e o controle de sua população (Skliar, 1998).

A formação de Professores compreende complexidades e fragilidades, nas quais esses sujeitos enfrentam grandes desafios, que vão desde a formação deficitária durante a graduação, como, poucos incentivos para a formação continuada, como ausência de recursos visuais, dentre outras complexidades. Com isso, essas dificuldades são refletidas no processo de ensino destes sujeitos. Como todo e qualquer aluno, os Surdos carecem de profissionais qualificados e que lhe proporcionem o mínimo de dignidade perante a sociedade no que tange à educação.

Para que estes possam ter dignidade, é necessário desenvolver habilidades e potencialidades, como a aplicação entre a teoria e prática dos saberes geográficos. Os Surdos precisam estar preparados para utilizar os conceitos e conteúdo ofertado em sala de aula e aplicá-los na sua vida cotidiana. É notório que estes dispõem de particularidades que precisam ser observadas e mantidas como a identidade Surda, para o pleno respeito a esta comunidade e desenvolvimento da cultura nativa dos Surdos.

2 O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

O processo de educação de surdos no Brasil tem ganhado espaço para discussão recentemente. A luta pela valorização da educação de surdos e de sua língua de sinais é um processo embrionário, que é marcado por passos tardios, pois as línguas de sinais são instrumentos que os Surdos utilizam para poder se comunicar e aprender. Conforme Lopes (2007, p. 28) afirma que:

As línguas de sinais são instrumentos essenciais para transmitir cultura e conhecimento. O status e o reconhecimento das línguas de sinais no mundo devem ser reforçados mediante políticas linguísticas, pesquisa e ensino da língua de sinais deverão fazer parte do currículo escolar de cada país.

Na década de 90, foi criado o Núcleo de Pesquisas em Políticas e Educação de Surdos (NUPPES). As pesquisas deste núcleo contribuíram de forma significativa para a construção de um novo olhar sobre o sujeito Surdo e sobre a educação destes indivíduos que ora eram esquecidos pela sociedade.

Para Skliar (1998) existe uma necessidade de olhar outras formas para o surdo, bem como, identificar as possibilidades de articulação teórica para as pesquisas e práticas educacionais com os surdos.

Para isso, desenvolve alguns argumentos e aponta algumas potencialidades que ajudam a definir no final dos anos noventa, aquilo que hoje referimos como sendo Estudos Surdos. Para Lopes (2007, p. 28-29) indica, entre outras sugestões:

[...] um refinamento na análise dos mecanismos de poder e de saber exercidos pela ideologia dominante na educação dos surdos [...] estabelecer ou uma redefinição dos problemas que se supõem estar na base da educação para os surdos; ou bem um olhar completamente novo sobre aquilo que é realmente variável nela; [...] ocorrer uma ampliação dos sentidos e significado acerca do papel que cabe à educação dos surdos, a partir de uma definição mais extensa e crítica de um campo para a educação de surdos [...] que compreenda as diferentes forças que existem dentro e fora da escola; [...] ampliar-se os espaços conquistados pelos 44 surdos dentro de uma educação, e não depender de uma concessão fragmentária e descontínua dos ouvintes.

No entanto o processo de aprendizagem perpassa alguns horizontes importantes para a construção de conhecimento, a educação é essencial na vida das pessoas. Segundo Brandão (2007, p. 7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Com isso, é possível afirmar que a educação ocorre primeiramente na família, ainda na fase infantil que compreende o intervalo entre 0 e 5 anos. Depois que a criança aprende a interagir com a família, ela começa a entender e a desenvolver uma comunicação mais madura, podendo aprender no processo de escolarização, pois a escola tem por responsabilidade ensinar conhecimentos sistematizados pela sociedade.

Nesse processo, o indivíduo começa a compreender a vida em sociedade por diversos vieses, como conhecimentos sociais, econômicos, ambientais, dentre outros. A escola também pode desenvolver a capacidade de planejamento do futuro, de escolher uma profissão e se preparar para ela.

A escola é um lugar importantíssimo onde se realiza o trabalho educativo. Saviani (2012, p. 13) diz que o trabalho educativo “[...] é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

No Brasil a educação sempre foi objeto de segregação, pois o que se desenvolve nela, nem sempre foi ou é uma educação para todos. De modo geral, os pobres, os negros, e muito grupos tidos como minoritários, como ciganos e os surdos têm sido excluídos da escola ou de um ensino de qualidade, muitos sujeitos deficientes compartilham das mesmas dificuldades.

Observa-se que muitos alunos com surdez, no contexto escolar, são prejudicados pela falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo e linguístico. Dessa forma, eles passam a ter perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem.

Ao discutir sobre as práticas educacionais que podem contribuir na escolarização de alunos com surdez, algumas filosofias ganham destaque “[...] apesar das diferentes opiniões que dividem e subdividem as metodologias específicas ao ensino de surdos, em termos de pressupostos básicos, existem três grandes correntes filosóficas: a do Oralismo, da Comunicação Total e do Bilinguismo” (Dorziat, 1999).

É inquestionável que as pessoas surdas vêm sendo escolarizadas, mas que essa escolarização tem produzido poucos resultados. Isso indica que continua a prevalecer uma preocupação com a alfabetização, ou seja, com o ensino das letras, bem como os processos metodológicos que contribuem significativamente na apropriação da língua escrita.

A Libras é a língua de sinais oficializada para Surdos no Brasil, esta é reconhecida nacionalmente e utilizada onde existem comunidades surdas. Segundo Strobel e Fernandes (1998, p. 25):

A modalidade gestual-visual espacial pela qual a LIBRAS é produzida e percebida pelos surdos leva, muitas vezes, as pessoas a pensarem que todos os sinais são o desenho no ar referente ao que representam. É claro que, por decorrência de sua natureza linguística, a realização de um sinal pode ser motivada pelas características do dado da realidade a que se refere, mas isso não é uma regra. Portanto, necessita de um aprendizado sistemático, preferencialmente ensinada por surdos.

As comunidades surdas estão dispersas por todo país, existindo, assim, uma grande diversidade e regionalidade. É imprescindível que os surdos interajam entre si, pois é a partir desse reconhecimento de identidade que eles começam a perceber que existem outras pessoas com suas mesmas especificidades e que é possível aprender e ensinar sendo surdo. Embora exista as diferenças, existem pessoas possuem diferenças regionais em relação a hábitos e costumes, sejam eles, alimentares, no modo de vestir, situação socioeconômica, entre outras. Esses fatores favorecem também para variações linguísticas regionais.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa se apresenta como um valioso instrumento no conjunto dos instrumentos metodológicos ligados às ciências humanas.

Chizzotti (2006, p. 28-29) afirma que:

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a ele.

A pesquisa foi de cunho exploratório, visto que o pesquisador visou “proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Gil, 2007, p. 41).

Segundo Gil (2007), o estudo exploratório aprimora as ideias ou descobre intuições. Geralmente, o estudo é exploratório quando há pouco conhecimento sobre o tema a ser abordado (Aaker et al., 2004), que é o caso desta pesquisa.

Ela, também, é considerada uma pesquisa de campo. Segundo Gonsalves (2001, p. 67):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Com o intuito de conhecer a realidade desses alunos surdos buscou-se a pesquisa de campo para uma melhor compreensão acerca dos fenômenos que acontecem no âmbito escolar.

No que diz respeito aos instrumentos de pesquisa, foi utilizada principalmente a observação, por permitir contato direto com o objetivo de estudo proposto. Nesse sentido, para Antônio Carlos Gil (2008) observação é:

[...] aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador que um ator. Daí por que pode ser chamado de observação-reportagem, já que apresenta certa similaridade com as técnicas empregadas pelos jornalistas (Gil, 2008, p. 14).

Nessa investigação, foi utilizada, também, entrevista semiestruturada com Alunos Surdos, Professores de Geografia e intérprete de Libras para a obtenção de dados. Segundo Oliveira (2010):

Nesta modalidade de entrevistas, são apresentados tópicos, ao invés de questões fechadas, permitindo respostas subjetivas, sem perder o quantitativo. É considerada a melhor forma por se utilizar das duas anteriores. O entrevistador segue um guia de questões, mas deve estar preparado para caso a entrevista mude de caminho (Oliveira, 2010 p. 25).

A técnica foi escolhida pois permite uma análise que objetiva preservar características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real.

É uma estratégia que não permite manipular comportamentos relevantes do objeto estudado e oferece análise consistente na pesquisa. Essas características são imprescindíveis para uma coleta de dados imparcial, que colabora para pesquisa científica.

Para compreender os alunos foi necessário entender como ocorre o processo de ensino de Geografia e como é a relação entre Aluno, Intérprete e Professor de Geografia. Se o processo de troca de conhecimento está sendo satisfatória para o aluno surdo. Para tal, foi construído e direcionado um roteiro de entrevistas semiestruturada via formulário on-line (outlook).

Realizamos a observação, objetivando entender as relações entre estes sujeitos, a interação e os conhecimentos construídos a partir das relações no espaço escolar. O roteiro de entrevista, foi direcionado a doze colaboradores, sendo três alunos Surdos, sete Intérpretes de libras, atuantes na rede municipal de ensino, e dois Professores de Geografia do ensino regular atuantes em Imperatriz-MA.

Os alunos pesquisados têm entre 18 e 31 anos, foram três, sendo destes dois homens e uma mulher. A aluna está cursando o ensino fundamental e os outros dois estão saindo do fundamental para o médio, ambos pertencentes à rede municipal de educação do município de Imperatriz-MA.

Os professores pesquisados têm entre 31 e 39 anos, são duas professoras da rede pública municipal em Imperatriz-MA, possuem graduação em Geografia, sendo uma graduada e a outra pós-graduada.

Os intérpretes pesquisados têm entre 24 e 39 anos, foram sete, sendo destes seis mulheres e um homem. Quatro destes possuem nível superior e três pós-graduação, todos fazem parte da rede municipal de ensino, no município de Imperatriz-MA.

Considera-se relevante conhecer essa realidade social, pois a partir desse estudo, poderemos entender estas complexidades materializadas no âmbito escolar e o que fazer para proporcionar melhores condições para estes Alunos Surdos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a análise dos dados buscamos compreender como ocorre o processo de ensino de Geografia para estudantes surdos no município de Imperatriz, particularizando nesse cenário, o envolvimento desses alunos e a sua relação com os conceitos geográficos, que são imprescindíveis para a compreensão de mundo.

Os dados foram obtidos a partir do contato com a comunidade surda. Sendo assim, foram entrevistados doze participantes, sendo que deles sete foram intérpretes de Libras, três alunos surdos e dois professores de Geografia.

Estes serão mencionados na pesquisa como Aluno 1, Professor 1 e Intérprete 1, e assim progressivamente, com a intenção de preservar a identidade dos colaboradores, mantendo relação imparcial com eles.

4.1 O processo de ensino de Geografia para estudantes surdos em Imperatriz-MA

Para compreender como ocorre o processo de ensino de Geografia para estudantes surdos no município de Imperatriz, serão usados dados da entrevista e da observação. Para isso serão usadas respostas contidas no questionário e fragmentos resultantes da observação.

O Aluno Surdo, quando questionado sobre como avaliava a aprendizagem que teve na disciplina de Geografia no Ensino Fundamental, uma das respostas obtidas foi:

Então, minha escola inclusiva Professor não tem de ensinar sobre isso muito não, ele sempre só passava atividades sem explicação. Eu sempre curiosa na internet, porque eu não sei responder isso, por causa falta informações. Já acabei ensino fundamental, agora vou ensino médio. (Aluna 1)

Com base neste dado, podemos observar que esta aluna não teve um Ensino de Geografia de qualidade, no qual o Professor não conseguia manter um diálogo com ela, se restringindo apenas a atividade para casa, sem nenhum tipo de explicação. A aluna afirma buscar na internet informações, pois durante as aulas não conseguia dialogar com o Professor. Não dá para inferir se a atitude do professor era porque ele não dominava o conteúdo, a língua ou se era devido a outras questões.

Outra resposta obtida, foi:

Sempre foi minha vontade aprender geografia, mas minha escola nunca tiver intérprete de libras. (Aluno 2)

Este dado mostra que o aluno estudou em uma escola sem a presença de Intérprete. Esta é mais uma problemática expressa, pois a presença do Intérprete é imprescindível para mediar a comunicação, uma vez que o Professor de Geografia não dispõe do conhecimento linguístico.

Assim, podemos dizer que o aluno não tem conhecimento de geografia, pois não foi feita a mediação do ensino pelo profissional. Dessa forma, não há como haver aprendizagem, pelo aluno.

Quando questionado se o Professor de Geografia conseguia interagir com os alunos através da Libras, o Aluno Surdo respondeu:

Professor não sabe libras ninguém! E Professor não gosta surda, acredita? (Aluna 1)

Esta aluna afirma que o Professor além de não conseguir estabelecer um diálogo com a aluna, não gosta dela. Pelo menos, ela pensa assim.

Esta percepção da aluna pode ser entendida como uma falta de comunicação entre os dois, e por o Professor não conseguir estabelecer um diálogo, a aluna logo pensa que ele não gosta dela. É importante frisar que a falta de comunicação pode causar um dos maiores problemas da comunidade Surda – a falta de interação.

Ao serem perguntados se “a presença do Intérprete durante o Ensino Fundamental foi importante, e se foi dizer porquê”, uma das respostas foi:

Sim, minha Intérprete é maravilhosa, Professor não tem explicação, Intérprete sabe coisa geografia e ela me explicar coisa (Aluno 2)

O dado mostra a satisfação do aluno em mencionar a intérprete, mas chega a dizer que o professor não sabe ensinar. Assim, mais uma vez percebemos que a comunicação entre Aluno e Professor é fundamental. Quando ela não ocorre ou quando é a situação se complica. Nesse caso, ela é tão precária, que o próprio Aluno cita que o Professor “não tem explicação”, como se o Professor não soubesse repassar o conteúdo ao Aluno, ficando a responsabilidade para o Intérprete de ensinar. Isso afeta diretamente a qualidade do ensino, uma vez que este Intérprete tem que se desdobrar para estudar o conteúdo, que o Professor ministra, e interpretar de forma consecutiva para o surdo.

Outro aluno respondeu:

“Necessária, porque o Intérprete é o elo entre as pessoas surdas e ouvintes” (Aluno 2)

O Aluno surdo reconhece que o papel do Intérprete é imprescindível para o seu processo de aprendizagem, sendo considerado um elo entre o Aluno e o Professor. Essa relação precisa ser muito bem construída e o Intérprete precisa manter uma boa sintonia entre com o Professor, e os Alunos. Se não existir uma sinergia entre esses sujeitos a comunicação se torna falha e o Aluno Surdo, certamente será prejudicado no seu processo de assimilação do conteúdo.

Buscamos entrevistar alguns Intérpretes de Libras na intenção de compreender melhor como é a relação entre Aluno, Intérprete e Professor. Quando questionando, “como avaliava a interação entre o Aluno Surdo e o Professor de Geografia?”.

O Intérprete respondeu:

“A interação na maioria das vezes fica entre intérprete e Aluno, uma vez que acaba o intérprete tendo que pensar em estratégias para a melhor assimilação do conhecimento do Aluno”. (Intérprete 1)

Este dado ratifica a percepção de que não existe uma relação entre o Aluno e Professor. O Intérprete é responsabilizado por assumir estratégias de assimilação de conteúdos, uma vez que este não tem arcabouço teórico sobre os conhecimentos em Geografia.

Outro Intérprete acrescentou:

“Muitas vezes limitada por crenças sobre a Língua Brasileira de Sinais e a identidade do aluno. O aluno muitas vezes é entendido como alguém que deve receber um tratamento "especial", o que conduz o professor a adaptar de maneira simplificada o conteúdo, ou oferecer materiais que não considerem a condição bilíngue do aluno, na qual a Libras é a primeira língua e o português escrito é a segunda”. (Intérprete 2)

É importante frisar que formações continuadas para Professores é essencial para o desenvolvimento de estratégias adequadas para o seu público-alvo, é necessário conhecer para entender.

Se o professor não conhece a língua, ele não vai conseguir entender as dificuldades e as particularidades de seus alunos. Quando questionado se “a presença do intérprete durante a escolarização do Aluno Surdo é importante, e o porquê?” obtivemos respostas como:

“Sim, enquanto não existem escolas bilíngues suficientes, o Intérprete faz a mediação interlingual e intermodal entre português e Libras. Sendo assim, tentando da melhor forma possível, auxiliar o processo de ensino-aprendizagem para o par aluno e professor”. (Intérprete 3)

Quanto aos Professores de Geografia que colaboraram com a pesquisa, quando questionados sobre “Se conseguia interagir bem com o Aluno Surdo que justificasse a resposta.”, o professor respondeu:

“O papel do Professor na educação inclusiva é imprescindível. Isso porque esse profissional é o responsável por direcionar o processo pedagógico, desenvolvendo caminhos para que o Aluno adquira o conhecimento”. (Professor 1)

O Professor reconhece que o papel do Intérprete é imprescindível dentro do processo de Ensino e Aprendizagem, pois o Intérprete é o responsável por traduzir o que é repassado pelo Professor, com o objetivo de ser recebida pelo seu receptor como o mínimo de possível de falhas e com o máximo possível de aproveitamento.

Perguntamos ao Professor “o que ele acreditava que podia ser feito para melhorar a interação entre o Professor de Geografia e o Aluno Surdo?”, ele respondeu:

“O Professor deve facilitar e estimular a interação do Aluno com surdez no grupo de colegas (total ou parcial), pois é por meio dessa relação que ele virá a enriquecer suas possibilidades de comunicação e expressão”. (Professor 2)

Deve haver uma sensibilização que estimule o Professor a buscar conhecer a Libras, uma vez que essa é a forma que o Surdo tem de se comunicar. Para isto, o Professor e o Aluno devem ter uma boa relação para estabelecer uma troca de experiências e assim desenvolver a aprendizagem.

Como o foco da pesquisa foi compreender como ocorre o processo de ensino de Geografia para estudantes surdos no município de Imperatriz. Focando no aluno, no intérprete e no professor, foi possível perceber que embora em algumas salas de aula com alunos surdos haja a presença do intérprete, o trabalho de mediação da comunicação, ainda merece ser melhorado. Assim, podemos dizer que o objetivo da pesquisa foi alcançado.

Os dados mostraram que há turmas com alunos surdos que não têm intérprete, é possível imaginar o quanto é difícil o processo de ensino e de aprendizagem nessas turmas, principal, entre para os alunos surdos. Dessa forma, resta continuar lutando e trabalhando para que esta situação mude para melhor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender como ocorre o processo de ensino de Geografia para estudantes surdos no município de Imperatriz, a partir da percepção do Aluno Surdo, perpassando pelo papel do Intérprete, até chegar ao Professor de Geografia. Conhecer esses atores foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa.

Buscamos identificar as concepções e a mediação do ensino na sala de aula de professores de Geografia. Como metodologia optou-se pela abordagem qualitativa, em que utilizamos duas técnicas de coleta de dados: a entrevista semiestruturada e a observação. Ambas as técnicas foram fundamentais para se conhecer as concepções, dificuldades dos sujeitos pesquisados, na perspectiva de um ensino de significativo de Geografia para estudantes surdos.

No que se diz respeito ao desenvolvimento da pesquisa reconhecemos como um grande desafio, pois além de fazermos uma discussão com os diferentes atores do processo de ensino e aprendizagem, adentramos na área da Educação de surdos e provocamos a refletir sobre a Libras no contexto da sala de aula.

Os estudantes surdos dispõem de diferenças linguística e cultural que não os impede de terem sua inserção social e educacional. O ensino de Geografia apresenta grandes possibilidades de construção e respeito às identidades culturais dos alunos, inclusive dos alunos surdos. Sendo a escola um lugar de encontro de culturas, de saberes científicos e de saberes cotidianos. A Geografia escolar é uma das mediações por meio das quais o encontro e confronto entre culturas se dão.

Com os dados da pesquisa concluímos que os Professores de Geografia de fazer uso de metodologias que visem à valorização de recursos visuais, necessitam de sinergia com o intérprete de Libras para viabilizar a comunicação com o aluno surdo.

É a partir disso que é possível contribuir de forma significativa para a construção do conhecimento geográfico, mas a realidade é que atualmente essa interação não consegue mostrar tudo o que o aluno precisa conhecer e desenvolver o pensamento crítico, nem tão pouco, o que é cobrado como requisitos mínimos para ingressar no ensino médio e consecutivamente no ensino superior.

De modo geral, os professores não fazem o uso da Libras, ou seja, não conseguem se comunicar com seus alunos surdos. As maiores dificuldades para estes estão atreladas à dificuldade de comunicação e à falta de preparo, o que, de fato, reflete negativamente no processo de ensino, pois os alunos surdos, sentem-se frustrados e incomodados por não conseguirem ser compreendidos pelos professores quando não há a mediação do intérprete.

Com isso, pôde-se constatar que existem diversas problemáticas no que se diz respeito à Educação Especial, a partir disso podemos destacar a percepção de participantes da pesquisa. As percepções discutidas incluem as principais mazelas apresentadas nesta pesquisa.

Portanto, as discussões feitas nesta pesquisa podem contribuir para estudos do processo de ensino e aprendizagem em Geografia, colaborando com a atuação do professor de Geografia em sala de aula com estudantes surdos. Para isto, é necessária uma maior aderência pelos professores para processo de educação continuada em Libras.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Tingido a várias cores tecidas a vários fios: dimensões múltiplas e interativas na prática cotidiana da pesquisa.** Goiânia: Rosa dos Ventos, 2002.
- BRASIL. Presidência da República. **Decreto no 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, 2005.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, 2000.
- BRASIL. Presidência da República. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- DORZIAT, Ana. **Concepções de Surdez e de Escola: ponto de partida para um pensar pedagógico em uma escola pública para surdos.** São Carlos / SP: Trabalho de Tese (Doutorado), UFSCar (mimeo.), 1999.
- ESDRAS, Dirceu; GALASSO, Bruno. **A escolarização de estudantes surdos no Brasil: educação básica.** Rio de Janeiro: INES, 2018.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP. Alinea, 2001.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010.** Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/> Acesso em: 10 de dez. 2023.
- LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 8. ed. revista ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais.** Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE. 1998.
- SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- OLIVEIRA, Viviane Santos de. Acesso à informação para surdos brasileiros: papel da biblioteca. **Revista Informativa Online**, 2001. Disponível em: <<http://biblioteca.estacio.br/artigos/03.htm>> Acesso em: 24 dez 2022.
- OLIVEIRA, Almir Almeida. **Observação e entrevista em Pesquisa qualitativa.** Disponível em:<<http://www.webartigos.com/artigos/observacao-e-entrevista-em-pesquisa-qualitativa/43258/>> Acesso em: 23 de dez 2022.

APÊNDICES

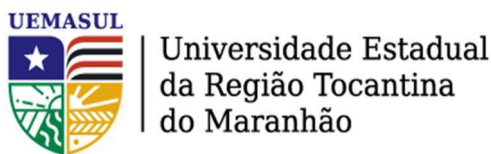
Apêndice A – Roteiro de entrevista para alunos surdos do ensino fundamental

Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS E LETRAS – CCHSL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LIBRAS**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO A ALUNOS SURDOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

1. Qual sua idade?
 Entre 11 anos e 17 anos
 Entre 18 anos e 24 anos
 Entre 25 anos e 31 anos
 Entre 32 anos e 39 anos
 Entre 40 anos ou mais
2. Qual seu nível de escolarização?
 Ensino Fundamental
 Ensino Médio
 Ensino Superior
 Pós-Graduação
3. Durante o Ensino Fundamental, como você avalia a sua aprendizagem na disciplina de Geografia?
4. Em sua concepção, você finalizou o Ensino Fundamental com conhecimento em Geografia suficiente para avançar para o Ensino Médio?
5. Você acha que os conhecimentos de Globalização, Urbanização, Problemas Ambientais e Clima foram bem trabalhados durante o Ensino Fundamental? Por quê?
6. O Professor de Geografia conseguia interagir com você através da Libras?
7. A presença do Intérprete durante o Ensino Fundamental foi importante? Se sim, porquê?
8. O que você acredita que pode ser feito para melhorar a interação entre o Professor de Geografia e o Aluno Surdo?
9. Você considera a disciplina de Geografia Importante? Se sim, por quê?

Apêndice B – Roteiro de entrevista para professores de geografia

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS E LETRAS – CCHSL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LIBRAS
ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AOS PROFESSORES DE
GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Qual sua idade?
 - Entre 18 anos e 24 anos
 - Entre 25 anos e 31 anos
 - Entre 32 anos e 39 anos
 - Entre 40 anos ou mais

2. Qual seu nível de escolarização?
 - Ensino Superior
 - Especialista
 - Mestrado
 - Doutorado

3. Qual seu conhecimento em Libras??
 - Não tenho
 - Consigo compreender o Aluno (pouco)
 - Consigo compreender, mas não consigo me comunicar - sem o auxílio do Intérprete
 - Consigo Compreender e me comunicar com o Aluno - sem o auxílio do Intérprete

4. Você acredita que o Aluno Surdo conclui o Ensino Fundamental preparado para entrar no Ensino Médio, com conhecimento, com o conhecimento necessário em Geografia?

5. Quais as principais dificuldades dos Alunos Surdos para aprender Geografia?

6. Os Alunos Surdos têm/tiveram boa relação com os conhecimentos básicos de Globalização, Urbanização, Problemas Ambientais e Clima?

7. Você, Professor consegue/conseguia interagir bem com o Aluno Surdo? Justifique sua resposta.

8. A presença do Intérprete durante o Ensino Fundamental foi importante? Se sim, porquê?

9. O que você acredita que pode ser feito para melhorar a interação entre o Professor de Geografia e o Aluno Surdo?

Apêndice C – Roteiro de entrevista para intérpretes de libras

Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
SOCIAIS E LETRAS – CCHSL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LIBRAS**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA DIRECIONADO AOS INTÉRPRETES DE LIBRAS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

1. Qual sua idade?
 Entre 18 anos e 24 anos
 Entre 25 anos e 31 anos
 Entre 32 anos e 39 anos
 Entre 40 anos ou mais
2. Qual seu nível de escolarização?
 Ensino Médio
 Ensino Superior
 Pós-graduação
3. Como você avalia a interação entre o Aluno Surdo e o Professor de Geografia?
4. Você acredita que o Aluno Surdo conclui o Ensino Fundamental preparado para entrar no Ensino Médio, com o conhecimento necessário em Geografia?
5. O Professor de Geografia utiliza ferramentas visuais para facilitar a aprendizagem do Aluno Surdo? Se sim, quais? Cite algumas.
6. O Professor de Geografia utilizava a língua gestual durante as aulas?
7. O Professor de Geografia conseguia interagir com o Aluno Surdo sem a presença do Intérprete?
8. A presença o Intérprete durante a escolarização do Aluno Surdo é importante? Se sim, porquê?
9. O que você acredita que pode ser feito para melhorar a interação entre o Professor de Geografia e o Aluno Surdo?
10. Você considera o Professor de Geografia preparado para receber um Aluno Surdo sem a presença do Intérprete?